Compreendendo e julgando*

1. Pensando e compreendendo; 2. Pensando e julgando; 3. Aspectos metodológicos.

Os estudos sobre o desenvolvimento intelectual do adolescente têm, com freqüência, apontado para a problemática do jovem que tenta resolver as inconsistências percebidas entre o real e o possível, no sentido de modificar o que lhe é imediato.

As diversas teorias sobre o desenvolvimento cognitivo têm fornecido os pontos de referência para o aprofundamento de tais estudos.

O que parece faltar, entretanto, são estudos empíricos cujos resultados fundamentem as idéias sobre o funcionamento e o crescimento do pensar na adolescência. A contribuição de Peel concentra-se no exame prático e teórico da natureza do julgamento do adolescente, trazendo novos resultados de pesquisas, particularmente sobre as condições que favorecem a emergência de um julgamento mais amadurecido.

As técnicas desenvolvidas com o uso de situações-problema expressas verbalmente a partir de material textual não tinham sido utilizadas anteriormente em pesquisa na linha cognitiva.

* Tradução, resumo e adaptação do cap. 1 do livro de E. A. Peel *The nature of adolescent judgment*. London, Staple Press, 1971, por Léa Kaufmann Elliott.

Os fundamentos teóricos derivam-se do trabalho de Piaget e Inhelder sobre o crescimento do pensamento lógico. Quanto à análise do ato de julgar, notam-se, entre outras, relações com os conceitos de Duncker sobre resolução de problemas, de Guilford sobre pensamento divergente e avaliativo e ainda com idéias de Bruner sobre pensamento e processo educacional.

Grande destaque é dado ao conceito de explicação, vista como ato operacional através do qual a compreensão e o julgamento podem ser avaliados.

Descrever significa relatar os detalhes de um acontecimento sem fazer referência às causas ou idéias possíveis que lhe antecedem. Explicar e descrever são dois extremos num *continuum* de respostas que evidenciam compreensão e julgamento.

Ao pedir explicações ao adolescente sobre uma situação, criam-se condições para estudar suas respostas numa escala que vai da simples descrição, presa aos elementos do texto (o aqui e o agora) até a elaboração de hipóteses para explicar o possível.

1. Pensando e compreendendo

Apesar das divergências dos psicólogos educacionais quanto ao uso do termo compreensão é inegável sua existência no discurso da sala de aula.

Peel refere-se, no artigo O pensamento do adolescente, a pelo menos quatro significados para o termo compreensão, válidos no contexto de seus estudos.

Revendo alguns destes significados verificamos que o aluno precisa compreender instruções para executar uma tarefa que tem etapas previstas. Compreensão é usada aqui no sentido de traduzir palavras em ação.

Quando o aluno precisa compreender as relações de causa e efeito características de um fenômeno qualquer, ele está usando compreensão num sentido diferente. Compreender significaria ir além

da simples tradução de palavras em ação para indicar previsão da ação em relação a suas conseqüências.

A compreensão de conceitos gerais e leis que regem o funcionamento das experiências científicas situa-se como um terceiro significado. O aluno compreende princípios gerais que estão além das especificidades do acontecimento em questão.

Na matemática, para que haja compreensão é necessária a capacidade de pensar em termos dedutivos. Este outro uso do termo compreensão prende-se também à sensibilidade para lidar com relações formais.

Os três últimos significados são considerados fundamentais para a pesquisa sobre o desenvolvimento do pensamento na adolescência em sua relação com o material textual usado nas escolas.

2. Pensando e julgando

A preocupação com a qualidade do processo educacional leva a múltiplas indagações. As que se seguem são alguns exemplos:

1. É possível, através do ensino, melhorar o processo decisório de um adolescente?

2. É possível ensinar o jovem a pensar e a julgar com mais eficiência?

3. Os currículos conduzem ao aprofundamento da compreensão e à atuação crítica do adolescente diante das informações?

As indagações repousam sobre duas linhas centrais — o desenvolvimento do pensamento e o enriquecimento da capacidade de tomar decisões através do julgamento amadurecido e fundamentado.

De acordo com as idéias expressas por Peel, julgar é decidir por uma linha de ação, selecionada pelo exercício da crítica e pela sensibilidade para lidar com os critérios pertinentes a uma situação.

Julgar vai além da compreensão, já que através do julgamento novas idéias são elaboradas, hipóteses são formuladas, conduzindo muitas vezes a respostas criativas, ou seja, à transformação na ação.

Peel encaminha sua pesquisa no sentido de investigar os níveis em que os adolescentes fazem seus julgamentos e tomam suas decisões diante dos problemas. Neste aspecto sua contribuição é inteiramente nova.

3. Aspectos metodológicos

As situações-problema que surgem das próprias disciplinas da escola secundária servem para investigar o julgamento do adolescente. Neste sentido, Peel e seus colaboradores usaram situações provenientes da matemática, das ciências físicas e das ciências sociais. Ao encontrar respostas ou julgamentos que se distribuíam no *continuum* descrição-explicação, Peel situou um problema importante. Tornou-se necessário identificar se a diferença entre respostas descritivas e explicativas realmente indicavam mudança na qualidade do pensamento.

Mudanças qualitativas do pensamento referem-se às operações mentais, e não apenas ao acúmulo de informações ou conceitos adquiridos na escola. A utilização adequada dos conceitos depende da estrutura formal do pensamento do aluno capaz de discernir relações e produzir respostas.

A variedade de processos intelectuais encontrados entre as respostas de adolescentes desde os 12 aos 17 anos, aproximadamente, indicou outro problema para a pesquisa — a necessidade de reduzir esta variedade a poucos processos básicos comuns à maioria das situações, de descobrir quando estes parecem ser mais evidentes e de caracterizar o que contribui para o julgamento maduro e globalizante.

Peel distingue vários aspectos que entram em questão na consideração de um modelo teórico do pensamento, como conteúdo conceptual, operações e modelo lógico subjacente.

Esses três aspectos, quando investigados em diferentes situações provenientes de uma variedade de campos do conhecimento, podem revelar outros aspectos universais do pensamento.

UM DA VINCI NA SUA SALA



Leonardo Da Vinci (40 x 50 cm)

Ou Pancetti, Djanira, Gauguin, Renoir, enfim, todos os grandes mestres da pintura universal estão agora à sua disposição nos endereços da Fundação Getulio Vargas. A preços inacreditáveis. Reproduções sobre tela, importadas da Itália, com a mesma textura dos originais e total fidelidade à arte que os tornou famosos.

RIO – S. PAULO – BRASÍLIA

Nós, da Fundação Getulio Vargas, estamos trabalhando

Para **O Correio da Unesco**

Entregamos cultura.

Cultura sem preconceitos, em artigos escolhidos que tratam de temas que interessam a todos: educação, ciência, arte, comunicação. Que apresentam um diagnóstico dos grandes problemas do mundo atual — poluição, drogas, espionagem eletrônica, por exemplo — e suas possíveis soluções.

Tudo isso bem pesquisado pelos melhores técnicos de informação e bem escrito pelos maiores especialistas.

Quem lê **O Correio da Unesco** está sempre na frente, pois muita coisa que é novidade agora para a maioria, o leitor de **O Correio da Unesco** já está sabendo há muito tempo.

Editado em português pela Fundação Getulio Vargas.

Nas principais livrarias. Pedidos para a

Editora da FGV: Praia de Botafogo, 188 - Rio de Janeiro